

Choram os Campos de Cachoeira

Salomão Larêdo

Não foi difícil encontrar a casa onde morou o romancista paraense Dalcídio Jurandir na cidade de Cachoeira do Arari, ilha de Marajó. Pergunta daqui e dali e lá está, no bairro de Petrópolis, a casa.

Por conta do projeto "O Escritor na Cidade", promoção da Secretaria de Cultura do Estado em parceria com a Fundação Biblioteca Nacional e o Serviço Social da Indústria - Sesi e também as prefeituras das cidades, estive semana passada na cidade de Cachoeira do Arari e resolvi aprofundar meus conhecimentos e saciar a minha curiosidade. Fui relendo no percurso (na viagem de navio e de ônibus entre Belém e Cachoeira gasta-se aproximadamente 7 horas) o romance - **Chove nos Campos de Cachoeira** -, editado em 1941, obra que marca a estréia do grande escritor paraense na literatura brasileira.

Não preciso falar da importância de Dalcídio Jurandir, de que nasceu na cidade de Ponta de Pedras, em 1909 e com um ano de idade fora morar em Cachoeira do Arari, ficando até aos 13 anos de idade quando embarcou para Belém. Quem conhece sua trajetória sabe que depois voltou a residir em Cachoeira, quando, certamente, escreveu o romance citado. De Dalcídio, neste tempo, destacamos o **Três Casas e um Rio, Ribanceira, Passagem dos Inocentes** e outros, além do **Marajó** que está na indicação do vestibular.

Conversei com algumas pessoas e descobri que a casa onde morou Dalcídio ainda não foi tombada pelo patrimônio da cidade e nem existe qualquer inscrição do tipo - aqui residiu no período tal o grande escritor, etc... Não há nada que dê indicação. A família hoje proprietária informou que procurou preservar o chalé, contudo a frente ameaçava desabar e antes que fizesse vítima, derrubou e construiu a frente, única mudança até a presente data. O resto continua como nos tempos do es-

critor.

A rua infelizmente não leva o nome de Dalcídio e nem as de seus antigos moradores, alguns, personagens das obras, como é o caso de Salu, o dono da mercearia de quem tanto Dalcídio faz referência. A casa de comércio de Salu ainda existe e como casa comercial, o que é interessante, sendo tocada por um sobrinho. Nessa rua ainda mora uma descendente dos Paiva, de nome Ana Paiva, filha do velho Alberto, personagem que abre por assim dizer a galeria. A rua, por conseguinte, ainda é povoada pelas coisas do tempo de Dalcídio para quem olha com os olhos da curiosidade e de repórter e quer

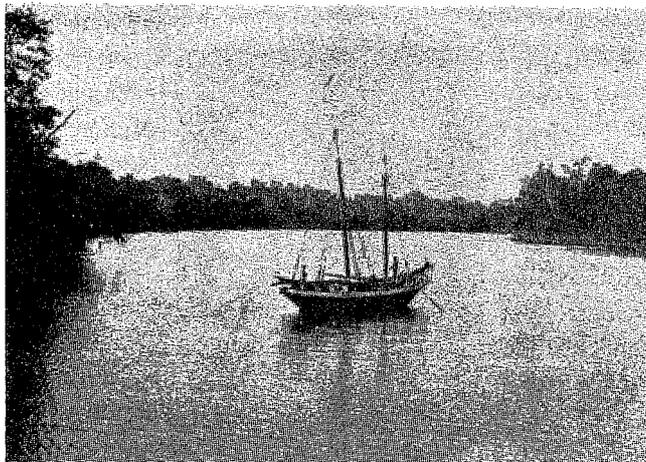
saber. Ainda é possível saborear os peixes e ainda sentir o cheiro dos barrancos, do rio Arari que ainda estava visível das janelas das casas paralelas às da casa de Dalcídio; ainda é possível sentir o arrastar dos chinelos ou tamancos e ouvir a voz de personagens e personagens no ir e vir da vida nos tempos em que nem mesmo o bairro de Petrópolis estava formado,

tão minúscula era a cidade marajoara de Cachoeira.

Fiquei a imaginar o que via Dalcídio e por instantes criei o filme para ver a pacatez do lugar, a vida espreguiçando-se para acontecer momentos depois tão vasto era o tempo de viver.

Olhando o rio, percebendo a ribanceira é constatando que Dalcídio ainda não foi apropriado pela cidade, não virou patrimônio da cidade fiquei a lamentar que a terra consagrada por Dalcídio não aproveita essa consagração para usufruir turisticamente dessa grande vantagem sobre outras da mesma ilha. Não valorizar o grande escritor é esquecer as suas próprias possibilidades enquanto povo e cidade.

Dalcídio, escritor, romancista importante e ilustre por causa dos acidentes da vida, fez de Cachoeira, seu lugar devoto de escritura e tendo obtido reconhecimento por



seu trabalho Brasil a fora, e Cachoeira não faz disso, numa só decisão, um proveito duplo, ao mesmo tempo que se orgulha do escritor e o valoriza, faz com que consiga atrair gente curiosa de saber as coisas do escritor e divulga e badala para poder chamar gente para ver onde morou, onde escreveu.

Pessoa desligada das coisas da literatura nem toma conhecimento de que aquela cidade abrigou um genial escritor. Logo, era para inscrever bem grande nas entradas principais, o nome de Dalcídio Jurandir que virou moda ser citado em todo papo que se preza entre gente que se diz culta, até porque, é muito e sempre citado e faz bem e dá status, porém, observa-se que Dalcídio não é tão lido quando deve ser, mesmo.

Em compensação a cidade perdura quase do mesmo jeito. Dalcídio a descreveu de tal maneira que quem quiser conhecer Cachoeira é só ler sua obra. É claro que guardemos a proporção, existem coisas novas, não seria possível que nada não se modificasse aqui e ali e fosse construído até um arco do triunfo.

Cachoeira do Arari que hoje abriga o importante, imponente, grande e interessante Museu do Marajó - que é uma obra que, além de dignificar quem o fez que foi o Padre Giovanni Gallo, um italiano que é mais marajoara na estima e na bem-querença de amor à terra, cultura e gente do Marajó, confere à cidade, um determinismo diferente, inusitado, até pelo que reúne de acervo sobre o homem amazônida com seus usos e seus costumes, seu falar especial, típico e gostoso numa linguagem amazônica que precisa ser apropriada por todos nós e jamais ser motivo de vergonha, até porque é belíssima -

, que também merece mais cuidado do poder público, mais recursos e mais visitas, também o Museu do Marajó precisa ser divulgado por Cachoeira que merece e deve usufruir desse patrimônio que deve ser do conhecimento de todos os brasileiros.

Pois bem, Cachoeira do Arari precisa valorizar seu potencial, suas riquezas, sua gente, sua terra e o que foi legado por gente ilustre. Precisa respeitar sua gente, seu povo tão capaz, tão gentil, acolhedor e empreendedor, sua comunidade, o cidadão e olhar para dentro de si mesma e perceber que no momento em que fizer justiça a Dalcídio Jurandir estará lucrando sempre mil vezes mais, pois se Dalcídio, tímido e simples em vida, legou à posteridade toda a pujança de que é capaz o amazônida e em especial o marajoara, não é possível que continue sendo vítima do esquecimento, numa prova de que a cultura permanece sendo a última das filhas desta pátria chamada Brasil.

Sugiro à população, ao Paulo Câmara, secretário Municipal de Cultura de Cachoeira do Arari e ao Aristides do grupo de teatro cachoeirense, que iniciem uma campanha para resgatar e preservar a memória de quem tanto fez e continua fazendo pelo Marajó. O escritor precisa e deve ser valorizado, respeitado e Dalcídio mais do que qualquer outro, merece de Cachoeira do Arari, pelo menos que façam indicar onde foi sua residência. Sem dúvida que isso se chama identidade cultural.

Salomão Larêdo é escritor, jornalista e membro da Academia Paraense de Letras

